

Entre Estrias, Verdades, e Histerias.

**Airton Flores Filho
Gabriela Gomes Pereira
Jélica Souza Kuster Mendonça
Jackson Costa Rodrigues
Vania Gardioli Fiuza**

Entre Estrias, Verdades, e Histerias.

Copyright © 2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sem a devida autorização.

Conto produzido pelos alunos do Curso de Técnico em
Multimeios Didáticos para conclusão do Projeto
Interdisciplinar.

AUTORES:

Airton Flores Filho

Gabriela Gomes Pereira

Jélica Souza Kuster Mendonça

Jackson Costa Rodrigues

Vania Gardioli Fiuza

Estrias, Verdades, e Histerias.

Viajar para a casa de praia sempre fora um advento para aquela gente. Uma espécie de tradição que servia para unir ainda mais aquele grupo plural que autodenominavam família. Rumar para a sonífera ilha de Paquetá, aos olhos dos estranhos, poderia soar quase como um ritual insano, mas não para eles. Ali, naquele pequeno aglomerado humano, arrumar as tralhas, encher a perua, reunir os meninos, eram verdadeiras declarações de amor. Isso tudo povoado pelos gritos da mãe, os apelos do pai, o som alto dos meninos, a sapiência do avô, as orações da avó e ausência da moça.

A mãe descia e subia escadas quase na velocidade da luz com as mãos atoladas de vasilhames e berrava:

- Anda logo, gente!

O pai olhava o tamanho do veículo, o amontoado de coisas ainda do lado de fora, enquanto suplicava:

- Vamos levar isso também?

A avó reclamava, mas sem perder as contas do terço:

- Chegaremos tarde pra missa na capelinha da Lagoa.

Os meninos se esgoelavam ora ao som do *Spotify*, ora do Youtube numa miscelânea de *playlists* tão ecléticas que fariam qualquer noção de bom gosto cair por terra.

O avô mascava o fumo e conferia o resultado do bicho. Velhas práticas que segundo ele: “Eram a graça dessa vida.”

A moça..., bem, a moça parecia ser um universo paralelo. Viver em outra dimensão. Outra galáxia. Um mundo repleto de humanos absolutamente irretocáveis e sem um único fio de cabelo fora do lugar ou de sinais de esmaltes e unhas roídas. Sem amassos, dobras ou fios puxados em suas roupas. Sem manchas na pele, sem gotas de suor, sem cera nos ouvidos. E sempre, ocupando lugares no espaço, irremediavelmente mais interessantes que a casa de praia daquela família. E ela pobre coitada, não questionava nem por um segundo que talvez aquelas fossem versões editadas de vidas falsas e circunstâncias que nem existiam.

Cotidianamente sofria. Ansiosa em se parecer com aquelas referências virtuais que lhe povoavam os olhos, ouvidos e mente. Era mais uma vítima do império de modificações comportamentais que se tornaram as redes sociais.

Para ela, o que vinha daqueles *app's* instalados em seu *smartphone* eram certezas absolutas e inquestionáveis. Enquanto isso, sua proximidade com os familiares era pouca, quase nada. Uns ruídos ou monossílabos e só. O mesmo não se podia dizer de sua vivência com *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat*, *Twitter* e *Whatsapp*. Ali a interação era intensa, constante, com *likes*, *emojis* e caracteres disparados em ritmo frenético. Nas redes a vida da moça era um frenesi num contraponto nítido ao seu interesse para a vivência doméstica. Tudo naquela casa lhe parecia tedioso, insosso e tão, tão, tão distante do que ela acreditava ser uma vida “de verdade”. Pensava alto: - Porque cargas d’água falar de Paquetá, século passado, charrete, chão de pedras, barcas? Romance “A Moreninha”? Que C.H.A.T.I.C.E!

Quem era Joaquim Manuel de Macedo na “fila do pão”? Quem quer saber de gente do século XIX e do amor de Carolina e Augusto? José Bonifácio? Nem!

Estilo *slow travel* não era pra ela. Não mesmo! A moça queria saber da blogueira mais *trend* do momento. O lugar mais top. A balada mais *cool*. A make mais *beauty*, da *outfit of the day*, ou simplesmente *#ootd* como gostava de dizer. Suas fotos eram sempre em posturas estranhas. Fazendo bico ou com a boca entre aberta. Os pés sempre cruzados e os olhos voltados para o chão. Tudo isso na expectativa de um post bem sucedido, que gerasse inúmeras curtidas e alimentasse o circuito de feedback e validação pessoal que alimentavam sua vaidade e autoestima. Muitas visualizações e *joinhas*, e a moça sutilmente se sentia recompensada.

Ora, ora, ora. Triste era a sina da pobre moça. Se a experiência da vida é justamente o que nos toca e o que nos acontece, a moça tinha experiências cada vez mais rasas e equívocas. Pois, ultimamente só tocava a tela do celular os as teclas do notebook.

Foi então que se deu o fato. A moça fora surpreendida por algo absoluta e absurdamente inesperado. Os familiares espalhados pelos cantos da casa, cada com qual com suas ocupações, puderam ouvir o grito pavoroso que nem o próprio Hitchcock teria produzido em tom tão sinistro.

Correram todos aflitos e atropelando-se até o quarto onde estava a moça. A mãe, sempre a mais aturdida, já com taquicardia, o pai pensando em arrombar a porta, os meninos saltando os degraus da escada acima no melhor estilo parkour.

A avó rezando uma salve-rainha, e avô sem o cachimbo. Cada um ao seu modo. Mas todos querendo socorre-la.

Do lado de dentro, do recôndito aposento vinha o som de um soluço aflito. A moça não podia acreditar no que via. Não era possível. Não com ela. Tinha todos os cuidados necessários e imagináveis para evitar aquela mazela. Seguia religiosamente os conselhos da internet. Mantivera postura sempre alerta e combativa contra a tal praga. Fez tudo conforme os tutoriais DIY, (do Inglês Do It Yourself, que quer dizer “Faça você mesma”) que assistiu. Cremes da marca famosa, massagens na clínica sensação do momento, cápsulas com compostos químicos anunciados no perfil da musa fitness. Mas era com ela sim. E justamente naquele feriado em que passaria pela maldição de colocar um biquíni e ser julgada de alto a baixo.

Ah! Triste sina! Quase pensou na sorte das moças que nascem no Irã e que passam suas vidas protegidas pelas burcas. E não contendo as lágrimas, desabou:

- Felizes são as paquistanesas! O mundo desconhece suas imperfeições.

Quando enfim conseguiu ouvir e atinar que toda a família chamava por ela do outro lado da porta, pôs-se a chorar em voz alta. A mãe, muda de tática e toda enternecida, clama:

- Filha, o que houve? Você se machucou?

O pai nervoso e perdendo a paciência:

- Maria Rita, abra já essa porta!

A avó:

- Por Nossa Senhora, Ritinha!

O avô - Princesa! Conta tudo pro vovô.

Os meninos:

-Rita! Rita! Rita!

Do lado de dentro o medo, a aflição, a vergonha. Como explicar aquilo? Uma catástrofe! Uma tragédia. Naquela visão juvenil, uma tsunami não teria causado estragos naquelas proporções.

Imediatamente passou a vasculhar o guarda-roupa. E naquele insano janeiro carioca, onde qualquer termômetro da cidade traria fácil a marca dos 40 graus, saiu a moça de seu quarto trajando um grosso e pesado moletom.

Aos familiares justificou-se dizendo que uma forte gripe lhe acometera e que cancelassem o passeio ou mesmo, que fossem sem ela. A camuflagem da roupa não solucionaria o problema, mas por hora era a única coisa a ser feita. Afinal, não revelaria ao mundo (nem real, nem virtual) a existência de sua nova companheira: uma estria.

Aquela família sabia que a internet podia se transformar num terreno pantanoso. Já tinham ouvidos vários casos. Baleia azul, Boneca Momo, casos de suicídios e mutilações de adolescentes e jovens, correntes e Fake News, tudo ali na palma da mão, num simples tocar de dedos. Só não esperava que fosse com sua menina. Tola Rita!

Adolescer e lidar com as incertezas e inseguranças dessa vida não era tarefa fácil. Todas as criaturas adolecem em um mar de dúvidas e confusões. Não haveria de ser diferente com a menina Rita.

A mãe, o pai, a avó, o avô, e até os meninos sabiam que não iriam mais pra Paquetá. E que tinham uma nova missão, com ares de aventura, a ser resolvida no seio familiar.

Estria não é legal. Ainda mais quando se tem 16 anos. Quando enfim, a menina resolve contar o ocorrido todos se puseram a elaborar uma solução. A mãe, já pensava em marcar uma consulta para a filha no dermatologista. O pai tentava lembrar a diferença entre estria e celulite. A avó queria que neta tomasse um pouco da água benzida pelo papa. O avô achava que devia pôr um emplasto de fumo sabiá em cima da bendita da estria. E os meninos ao ouvirem a palavra achavam aquilo parecia nome de cachorro.

Cada membro daquele núcleo familiar sabia, a seu modo, que teriam um longo trabalho pela frente. Muito mais do que *fact check* e atentar para o acesso aos conteúdos de qualidade, vindo de fontes confiável, seriam necessárias longas conversas, doses generosas de paciência, pitadas de empatia, abraços demorados e muito amor.

Desconstruir as muitas “não-verdades” e as situações fantasiosas que a internet conta, custaria muito mais que um feriadão em Paquetá.

Era melhor desfazer as malas, reunir todos na sala, fazer uma gigantesca bacia de pipoca, distribuir alguns beijos e abraços, passar bastante tempo ao lado daqueles que eles mais amavam e escolher um filme na Netflix.

Afinal, a internet também serve para isso: unir as pessoas.